

Literatura Afro-brasileira Infanto-juvenil: Panorama e Discussão

Afro-Brazilian Children's Literature: Overview and Discussion

Literatura Afrobrasileña para Niños y Jóvenes: Panorama y Discusión

Alessandra Barbosa Adão¹

Universidade Federal do Sul da Bahia

Resumo: Este artigo apresenta um breve panorama e discussão a respeito da literatura afro-brasileira infanto-juvenil, tendo como ponto de partida a promulgação da Lei 10.639 de 2003, que torna obrigatória o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no Ensino Básico de escolas públicas e privadas. A partir de referenciais teóricos como Eduardo de Assis Duarte, Cuti, Zila Bernd, Fúlvia Rosemberg, Regina Delcastagne, Maria Anória de Oliveira, dentre outros pretende-se emergir os conceitos de literatura afro-brasileira e infanto-juvenil e suas dicotomias, e ainda pesquisas que corroboram para a discussão proposta neste artigo. Para além, almeja-se questionar: como o negro é representado na literatura afro-brasileira infanto-juvenil antes da referida legislação? Ocorreram mudanças dessa representação após a instituição da lei? É possível pensar ou ter uma nova consciência a despeito do negro na literatura afro-brasileira infanto-juvenil?. Ao fim, trazemos outras possibilidades de escrita e possíveis sugestões decoloniais de representação do negro nesta literatura.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Literatura infanto-juvenil; Personagem Negro. Lei 10.639/2003.

Abstract: This article presents a brief overview and discussion of Afro-Brazilian literature for children and adolescents, starting with the enactment of Law 10.639 of 2003, which makes the teaching of African and Afro-Brazilian History and Culture mandatory in Primary Education public and private schools. From theoretical references such as Eduardo de Assis Duarte, Cuti, Zila Bernd, Fúlvia Rosemberg, Regina Delcastagne, Maria Anória de Oliveira, among others, it is intended to emerge the concepts of Afro-Brazilian and children's literature and their dichotomies, and yet research that corroborates the discussion proposed in this article. In addition, it aims to ask: how is the black person represented in Afro-Brazilian literature for

¹ Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Vila Velha (2009) e Especialização em Comunicação Estratégica, Propaganda e Novas Mídias pela Faculdade Novo Milênio (NM). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo atuando principalmente nas áreas de jornalismo impresso, jornal online, radiojornalismo e radioescola, assessoria de imprensa e em marketing promocional. Apresentou no final de 2019 o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A Literatura Infanto-juvenil a serviço da educação antirracista: Um estudo sobre a obra "Omo-Oba Histórias de Princesas" de Kiusam de Oliveira", sob orientação do Prof. Msc. Emanuel Vieira de Assis, dado por concluído o curso de Licenciatura em Letras-Português no Instituto Federal do Espírito Santo. Na atualidade, é mestrande do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Educação nas Relações Étnico-Raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), campus Jorge Amado (Itabuna). Email: aleadao@outlook.com

children and adolescents before the referred legislation? Were there any changes to this representation after the law was instituted? Is it possible to think or have a new conscience in spite of the black in Afro-Brazilian children's literature?. At the end, we bring other possibilities of writing and possible decolonial suggestions of representation of the black in this literature.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Children's Literature; Black Character; Law 10.639/2003.

Resumen: Este artículo presenta una breve visión general y discusión sobre la literatura infantil afrobrasileña, teniendo como punto de partida la Ley 10.639/03, que hace obligatoria la enseñanza de Historia y Cultura Africana y Afrobrasileña en la educación básica de escuelas públicas y privadas. De referencias teóricas como Eduardo de Assis Duarte, Cuti, Zila Bernd, Fúlvia Rosemberg, Regina Delcastagne, Maria Anória de Oliveira, entre otros, están surgiendo los conceptos de literatura afrobrasileña e infantil y sus dicotomías, e investigación que corrobora la discusión propuesta en este artículo. Además, tiene como objetivo cuestionar: ¿cómo se representa el negro en la Literatura infantil afrobrasileña antes de esa ley? ¿Hubo algún cambio en esta representación después de que se instituyó la ley? ¿Es posible pensar o tener una nueva conciencia a pesar de los negros en la literatura infantil afrobrasileña? Al final, traemos otras posibilidades de escritura y posibles sugerencias descoloniales de representación de los negros en esta literatura.

Palabras clave: Literatura afrobrasileña. Literatura infantil y juvenil. Carácter negro; Ley 10.639/2003.

Submetido em 21 de maio de 2020

Aprovado em 22 de junho de 2020

Introdução

Neste artigo almejamos elaborar um breve panorama da literatura afro-brasileira infanto-juvenil, tendo como marco a promulgação e institucionalização da Lei 10.639 de 2003 que instaura a obrigatoriedade no Ensino Fundamental e Médio das Escolas Públicas e Privadas do país o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. A ideia é discutir a partir do panorama que construiremos na elaboração deste trabalho. Tal cenário abarcará, além dos conceitos de literatura afro-brasileira à luz de autores como Eduardo de Assis Duarte (2008) e (2009), Cuti (2010) e literatura infanto-juvenil a partir de Lajolo (1993) e Cardoso (2018). Traremos também alguns dados e informações das pesquisas elaboradas por Fúlvia Rosemberg (1985) no período de 1955 a 1975 em livros infanto-juvenis do Brasil, o trabalho de Regina Dalcastagnè (2005) que analisou romances brasileiros nos períodos de 1965 a 1979 e de 1990 a 2004 publicados por editoras de prestígio, e ainda, o estudo empreendido por Maria Anória de

Oliveira (2003) que analisou livros infantil e juvenil da literatura brasileira no período de 1979 a 1989.

A partir desses autores, construiremos a discussão na tentativa de chamarmos a atenção para a relevância desse estudo, no que tange a representação do negro na literatura afro-brasileira infanto-juvenil antes e após a promulgação da Lei 10.639. Para além, o trabalho de Mauricio Silva (2016), Florentina Souza & Maria Nazaré Lima (2006), dentre outros nos auxiliarão a listar as publicações e a refletir a despeito da presença do negro nesta literatura, de forma a pensar o rompimento do discurso e olhar pejorativo para este.

Para tanto, iremos distribuir nosso artigo em duas seções. Na primeira seção, trazemos os conceitos de literatura afro-brasileira e infanto-juvenil, tendo como base a Lei 10.639/03 e uma listagem de publicações produzidas por afro-descendentes nos séculos XVIII, XIX e XX. Além das pesquisas de Rosemberg, Oliveira e Delcastagné, na intenção de visualizar como o negro é representado na literatura. Na segunda seção, refletiremos a partir da seguinte questão: É possível pensar ou ter uma nova consciência a despeito do negro na literatura afro-brasileira infanto-juvenil?, com vistas a possibilidades e sugestões decoloniais dessa literatura. Ainda nesta seção, elencamos publicações que apresentam o negro em posição de protagonista, herói, em uma nova postura e alternativa frente a literatura canônica.

1. Literatura afro-brasileira infanto-juvenil: conceitos relevantes

Já no início desta seção é necessário apontar os conceitos de Literatura Afro-brasileira ou negra. Ainda que essas conceituações “ Negro ou Afro” nos indique um caminho a seguir, o que está em jogo são as relações de poder e legitimação dessa escrita de autoria negra ou afro-brasileira que, inculcado na terminologia, perpassam pelas manobras dos grupos hegemônicos brancos, ao considerar o que deve ser ou não literatura (CUTI, 2010).

Ao pensar a perspectiva apontada por Cuti, cabe o questionamento: a literatura afro-brasileira não seria uma literatura e/ou não representaria parte da literatura

brasileira? Essa validação em que o grupo hegemônico sugere a despeito do texto literário, nos faz lembrar a provocação apontada por Silviano Santiago (2000) quando menciona Roland Barthes. Este, divide os textos literários em duas proposições, tal qual: textos legíveis e textos escrevíveis.

Segundo Santiago *Apud* Barthes (2000), essa sugestão parte da prática da escrita, em que,

O texto legível é o texto clássico por excelência, o que convida o leitor a permanecer no interior de seu fechamento. Os outros textos, os escrevíveis, apresentam ao contrário um modelo produtor (e não representacional) que excita o leitor a abandonar sua posição tranquila de consumidor a se aventurar como produtor de textos: "remeter cada texto, não a sua individualidade, mas a seu jogo - nos diz Barthes. Portanto, a leitura em lugar de tranquilizar o leitor, de garantir seu lugar de cliente pagante na sociedade burguesa, o desperta, transforma-o, radicaliza-o e serve finalmente para acelerar o processo de expressão da própria experiência. Em outros termos, ela o convida à práxis.(SANTIAGO,2000,p.19-20)

A partir dessa provocação, pondero que a literatura afro-brasileira ocupa as duas proposições, visto que no campo dos textos legíveis apresenta produções afro-descendentes que envolvem vários períodos literários, como exemplo, no Romantismo, temos a obra *Viola de Lereno* de Domingos Caldas Barbosa do século XVIII, as *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (1859), de Luiz Gama e o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1859). Estas obras são consideradas clássicas e pioneiras dentro da literatura afro-brasileira ou negra brasileira.

E, no campo dos textos escrevíveis, possui vasta e importantes publicações de autores afro-brasileiros que instigam o leitor nessa escrita marcadamente negra, conforme quadros abaixo:

Quadro 1 – Publicações do século XVIII,XIX e XX.

Autor	Produção
Manuel Inácio da Silva Alvarenga	<i>O Desertar</i> , poema herói-cômico (1774), <i>Glaura</i> (1799).
Antônio Gonçalves Dias	<i>Primeiros cantos</i> (1846), <i>Segundos cantos e Sextilhas de Frei Antão</i> (1849), <i>Os Timbiras</i> (1857)

Joaquim Maria Machado de Assis	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> (1881), <i>Quincas Barba</i> (1892) e <i>Dom Casmurro</i> (1900)
José do Patrocínio	<i>Coqueiro ou a pena de morte</i> (1877), <i>Os retirantes</i> (1877), <i>Pedro Espanhol</i> (1884)
João da Cruz e Sousa	<i>Broquéis</i> (1893), <i>Missal</i> (1893), <i>Faróis</i> (1900), <i>Últimos sonetos</i> (1905)
Auta de Souza	<i>Horta</i> (1901)
Afonso Henriques de Lima Barreto	<i>Recordações do escrivão Isaiás Caminha</i> (1909), <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> (1911) e <i>Numa e Ninfa</i> (1915).
Lino Guedes	<i>O canto do cisne preto</i> (1927) e <i>Negro preto, cor da noite</i> (1932).
Solano Trindade	<i>Poemas d'uma vida simples</i> (1944) e <i>Cantares ao meu povo</i> (1961).
Carolina Maria de Jesus	<i>Quarto de despejo</i> (1960), <i>Pedaços de fome</i> (1963), <i>Diário de Bitita</i> (1986)

Fonte: Pereira (1995,p.02-06)

Quadro 2 – Romances produzidos no século XX

Autor	Produção
Nascimento Moraes	<i>Vencidos e degenerados</i> (1915)
Ruth Guimarães	<i>Água Funda</i> (1945)
Lima Barreto	<i>Clara dos Anjos</i> (1948)
Romeu Crusoé	<i>A Maldição de Canaã</i> (1951)
Anajá Caetano	<i>Negra Ifigênia, paixão do senhor branco</i> (1961)
Nataniel Dantas	<i>Ifigênia está no fim do corredor</i> (1969)
Muniz Sodré	<i>O bicho que chegou à feira</i> (1991) e <i>Bola da vez</i> (1994)
Domício Proença Filho	<i>Breves estórias de Vera Cruz das Almas</i> (1991), <i>Estórias da mitologia – o cotidiano dos deuses</i> (1995), <i>Capitu: memórias póstumas</i> (1998)
Joel Rufino dos Santos	<i>Crônica de indomáveis delírios</i> (1991)
Ramatis Jacino	<i>O justiceiro</i> (1992)
Paulo Lins	<i>Cidade de Deus</i> (1997)
Martinho da Vila	<i>Ópera negra</i> (1998), <i>Joana e Joanes</i> (1999)

Fonte: Oliveira (2014,p.02)

Ainda vale mencionar que essa validação do que pode ou não ser considerado literatura, principalmente no que tange a literatura afro-brasileira, perpassa por um projeto de sociedade que visa o apagamento e o silenciamento do que não dialogue diretamente com o proposto pelo grupo hegemônico. Nesse sentido, quando pensamos o negro na literatura canônica, enquanto personagem, este só aparece no final da década de 20 e início da década de 30 do século XX. E, ainda assim, é retratado em posição subalterna, inferior, indicando a marca latente do longo período de escravidão no Brasil (JOVINO, 2006) e de uma política eugenista.

Pensando nisso, faz todo o sentido termos uma literatura afro-brasileira que busque uma assunção ou rompimento de um olhar e discurso pejorativo direcionado ao negro, seja na posição de personagem, seja enquanto escritor. Para tanto, o apogeu desta assunção ocorre, a partir da publicação da "série Cadernos Negros, do grupo paulista Quilombhoje, que, desde 1978, publica volumes anuais de prosa ou poesia." (DUARTE, 2009, p.84).

A respeito da Literatura Negra, Cuti (2010) defende a ideia de que esta apenas poderia existir após a existência de uma consciência negra. Zila Bernd (2010) corrobora o proposto por Cuti quando chama a atenção para a transitividade deste conceito e fala do surgimento dessa consciência negra, "ou seja, onde um "eu" enunciador assume uma identidade negra" (BERND, 2010, p. 1).

Esta autora, ainda pondera que nesta literatura há uma busca por raízes da cultura afro-brasileira e uma preocupação em combater o racismo e o preconceito que a comunidade negra brasileira vive na atualidade. Ianni (1988) nos apresenta outro conceito que em certo momento dialoga com Bernd em relação a transitividade desta literatura, em que

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por *dentro* e por *fora* da literatura brasileira, surge a

literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, 1988, p. 91).

Além desses autores, Eduardo de Assis Duarte aponta algumas características e especificações da Literatura afro-brasileira a partir de 5 critérios, que para compreensão serão transcritos na íntegra,

Em primeiro lugar, a **temática**: “o negro é o tema principal da literatura negra”, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Em segundo lugar, a **autoria**. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o **ponto de vista**. Com efeito, não basta ser afro-descendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. [...] Um quarto componente situa-se no âmbito da **linguagem**, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um **público leitor** afro-descendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. (DUARTE, 2009, p.78-80).

Para além desses, é importante chamar a atenção para o fato dos critérios étnico e temático não criarem ou propagarem uma censura prévia a autores negros e não-negros (PEREIRA, 1995). Nesse aspecto, Edimilson de Almeida Pereira aponta para a necessidade de se pensar e buscar um critério plural que seja "estabelecido por uma orientação dialética, que possa demonstrar a Literatura Afro-brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira - [...] como uma unidade constituída de diversidades". (PEREIRA, 1995, p. 1).

Destarte, Eduardo de Assis (2004) ainda vai dizer que a literatura afro-brasileira é "um conceito em construção, processo e devir" (DUARTE, 2004, s/n). Mais do que isso, esta literatura segundo Florentina Souza e Maria Nazaré Lima busca ligar "o ato criativo que o termo 'literatura' indica e a relação dessa criação com a África,

seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização." (SOUZA e LIMA, 2006, p. 24).

Refletir a respeito de uma literatura que recontе histórias ou traga referências de África ou afro-brasileira para o público infanto-juvenil, que "são leitores em formação, crianças, pré-adolescentes e jovens em idade escolar"(CARDOSO, 2018, p.12), torna-se relevante, para pensar um possível rompimento e quebra de paradigma, à medida que vemos cotidianamente na literatura e em diversos campos de conhecimento a recorrência a uma história única². Nesse sentido, vemos uma literatura marcadamente branca, europeia, cristã e, que se mostra racista, classista, misógina, etc.

Outra questão relevante a se pensar é o fato da literatura infanto-juvenil, muitas vezes, está presente no espaço educacional como ferramenta para propagar e manter padrões, regras, noções, etc; e se propõe a um determinado objetivo, conforme indica Lajolo (1993),

A literatura infanto-juvenil é um produto tardio da pedagogia escolar: que ela não existiu desde sempre, que, ao contrário, só se tornou possível e necessária (e teve, portanto, condições de emergir como gênero) no momento em que a sociedade (através da escola) necessitou dela para burilar e fazer cintilar, nas dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons costumes que, pelas mãos de Perrault, as crianças do mundo moderno começam a aprender(LAJOLO, 1993, p. 22).

Destarte, é preciso atentar para duas dicotomias quando olhamos para a literatura infanto-juvenil e o personagem negro, a primeira diz respeito a quem produz a história para a criança, normalmente um adulto, branco; e a segunda refere-se a falta de referenciais negros, que traga para o centro da história as religiões, costumes, cultura afro-brasileira, dentre outros aspectos inerentes a esse grupo étnico. Além disso, quando associamos o uso desta ao ensino de crianças percebemos que essas dicotomias

2 História única – termo cunhado por ela [Chimamanda Adichie] – em referência à construção do estereótipo de pessoas e/ou lugares, numa perspectiva de construção cultural e de distorção de identidades. Em suas palavras, Chimamanda trata de uma única fonte de influência, de uma única forma de se contar histórias, de se considerar como verdadeira a primeira e única informação sobre algum aspecto. (Referência mencionada no evento Technology, Entertainment and Design-TED realizado em 2009).

coexistem, de tal modo que “o preconceito veiculado pela literatura se justifica na medida em que tais obras são produzidas para educar a criança branca” (NEGRÃO, 1987, p. 86).

Por isso, se faz necessário pensar a partir da junção da literatura afro-brasileira ao público infanto-juvenil como possibilidade de trazer para o centro das histórias a diversidade cultural brasileira, os contos, lendas e causos dos diversos povos que formaram o Brasil, os personagens diversos que circulam no cenário brasileiro, dentre outros. Nesse sentido, Luiz Fernando França (2008) aponta para o complexo de manifestações artísticas-literárias que englobam a literatura infanto-juvenil e as relações étnico-raciais.

França (2008) *Apud* Silva (2017) subdividiu as publicações dessa junção em,

obras que tematizam o universo da cultura africana e afro-brasileira; obras que tematizam o preconceito racial diante a realidade social contemporânea; obras que tematizam a escravidão; obras que tematizam a identidade negra e a diversidade cultural do Brasil; e obras que, sem abordar diretamente a questão racial, apresentam o negro como personagem literária, em situação de igualdade com os outros personagens. (FRANÇA,2008 *Apud* Silva, 2017, p.111).

Para além de pensarmos que categorias podem criar rupturas ou não abarcar a complexidade deste tipo de literatura, a proposta de França nos parece condizente quando analisamos a literatura afro-brasileira infanto-juvenil na perspectiva da Lei 10.639 de 2003. Com base na Lei, chamamos a atenção para o ponto da obrigatoriedade do conteúdo de História e Cultura Afro-brasileira ser ministrado especialmente nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras. Logo, tal legislação corrobora com este artigo e conflui para a necessidade de se pensar uma escrita literária que englobe a história da África e dos Africanos e a contribuição destes para a formação do país.

Ao nos apoiarmos na Lei 10.639/03, como premissa para análises e discussão, não temos um olhar ingênuo ao pensar que a legislação resolve/resolveu todos os problemas em relação ao racismo e demais práticas discriminatórias no país. Para além, entendemos que a Lei abre caminhos possíveis, até mesmo com a publicação das

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que possa reverberar na efetividade da lei, na educação, na literatura, dentre outros.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a ideia de Munanga (2005), que

não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. (MUNANGA, 2005, p. 17).

Ao acreditarmos no potencial da Lei, percebemos como as pesquisas de Rosemberg (1985), Oliveira (2003) e Delcastagnè (2005) podem contribuir para a visualizar esse cenário, visto que apresentam discussão necessária a respeito da representação do negro na literatura infantil e juvenil do país. Nesse sentido, o estudo de Rosemberg nos traz um panorama do perfil ideológico da literatura, antes da Lei 10.639/03, no período de 1955 a 1975. Esta autora analisou 168 livros infanto-juvenis, totalizando 626 histórias.

Após análise dos livros, Rosemberg concluiu que ainda havia um tratamento diferenciado para personagens negros e brancos. E, ainda observou que os brancos eram vistos como “modelos da espécie humana, apresentando atividades profissionais mais diversificadas recebendo melhor acabamento estético, representando figuras e personagens históricos mais relevantes etc” (ROSEMBERG, 1985, *apud*. SILVA, 2017, p. 112).

O trabalho empreendido por Oliveira (2003) avança um pouco mais as análises a respeito do personagem negro em livros infantis e juvenis do país, no período de 1979 a 1989. A autora analisou para sua dissertação de mestrado 12 livros de literatura infanto-juvenil. O trabalho intitulado "Negros Personagens nas Narrativas Literárias Infanto-juvenis Brasileiras:1979-1989", observou que as histórias apresentavam três tendências,

que são: denúncia da pobreza, denúncia do preconceito racial e enaltecimento da beleza "marrom" e "pretinha".

Além disso, concluiu que este personagem é retratado de forma estereotipada e, principalmente se mostravam associados a feiura e sujeira, a piadas racistas, a ridicularização em espaços como a escola, clube e ruas. (OLIVEIRA,2003). A pesquisa de Regina Delcastagnè abarca não apenas o personagem negro, mas também quem produz a literatura brasileira. Esta autora analisou obras publicadas pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco no período de 1965 a 1979 - 80 escritores e 130 narrativas, e de 1990 a 2004 - 165 escritores e 258 romances.

Em relação a quem escreve, entre os 245 nomes, cerca de 93% eram homens e brancos. Delcastagnè pondera que embora o romance busque “em seu interior, a multiplicidade de pontos de vista, do lado de fora da obra não há o contraponto; quer dizer, não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais.” (DALCASTAGNÈ: 2011, p. 312). Isso reforça a perspectiva de uma histórica única e o caráter racista, elitista e machista da literatura , já que não apresentam pontos de vista diversos.

A respeito da representação dos personagens este fato se repete. Quando analisou o período de 1990 a 2004 observou que 7,9% traziam personagens negros, e no período de 1965 a 1979, havia apenas 4,7% de personagens negros, em ambos os períodos analisados, a maioria apresenta personagens brancos. Além disso, os negros que apareceram nas narrativas assumiam papéis de contraventores, empregados domésticos, escravos, profissionais do sexo ou mendigos. (DALCASTAGNÈ,2005).

Essas pesquisas, ainda que analisem períodos antes e, em parte, após a Lei 10.639/03, evidenciam um cenário preocupante no campo literário. Mas, para a elaboração deste artigo, percebemos que após a implementação da Lei houve crescimento “de forma considerável, tornando visível através das produções literárias a notoriedade e a participação dos negros em nossa história e cultura” (SEGABINAZI *et al*, 2017, p. 210).

2. Possibilidades e possíveis sugestões decoloniais da literatura afro-brasileira infanto-juvenil

[...] a literatura infanto-juvenil, por sua forma específica de comunicação, mediatizada pelo livro, lidando com o simbólico, com o imaginário, pode se constituir em terreno propício à criação de novas formas de relacionamento com a criança. Ao invés de seguir modelos, erigir-se um modelo. Por ser uma ação se servindo de símbolos, ela carrega as vantagens da criação de idéias que podem gerar utopias ou inovações precoces, adiantar-se às práticas do tempo. A literatura infanto-juvenil, além desta, teria uma vantagem em particular: diferentemente dos pedagogos e filósofos que falam sobre relação adulto-criança, ela atua. Ela é uma relação adulto-criança. Ela se situa tanto no campo do simbólico quanto do concreto. Ela é fala e ação. (ROSEMBERG, 1985, p. 76).

A partir da fala de Rosenberg, já percebemos as possibilidades impregnadas na literatura infanto-juvenil de romper, quebrar paradigmas e de pensar em uma perspectiva desta aliada as características afro-brasileiras. Nesse sentido, Mignolo corrobora estas, quando menciona que,

Una vez que la máscara de la modernidad es puesta al descubierto, y la lógica de la colonialidad aparece detrás de ella, surgen también proyectos decoloniales, esto es, proyectos que forjan futuros en los cuales la modernidad/colonialidad será un mal momento en la historia de la humanidad de los últimos quinientos años. La tarea es gigantesca, y no consiste en tomarse al Estado o a los museos o a las universidades sin proyectos decoloniales que sostengan revoluciones “materiales”. (MIGNOLO, 2010, p. 13)

Ainda que pensar a decolonialidade da literatura afro-brasileira infanto-juvenil, seja uma tarefa gigantesca, nos parece que esse deve ser um " movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, a lógica da modernidade/colonialidade" (BALLESTRIN, 2013, p.105). Além disso, exige uma postura e enfrentamento tanto por acadêmicos, quanto por escritores afro-descendentes e/ou quem escreve sobre a temática afro-brasileira, para não renegar aos negros um lugar subalterno ou inferior nos moldes da escravidão.

Para além, cabe questionar: É possível pensar ou ter uma nova consciência a despeito do negro na literatura afro-brasileira infanto-juvenil?. Para responder essa questão, precisamos fazer dois paralelos que tem relação com a seção anterior deste artigo: a primeira diz respeito ao valor e relevância histórica de publicações de autoria

afro-descendente, apontando para um número vasto de obras e autores; a segunda, tem relação com as pesquisas de Rosemberg (1985), Oliveira (2003) e Delcastagnè (2005) que mostram que o personagem negro, em diferentes períodos e olhares de análise, ainda se apresenta como subalterno, inferior, estereotipado e/ou nem aparece.

Voltando a questão, acreditamos ser urgente e necessário pensar uma nova consciência a respeito do negro na literatura afro-brasileira infanto-juvenil. A despeito dessa nova consciência, talvez façamos ou instiguemos, a partir deste artigo, os escritores com base nas palavras de Gloria Anzaldúa a sair da outra margem do rio, a fim de que possibilite "enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo[...] As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir." (ANZALDÚA, 2005, p.706).

De certo, se faz necessário agir e não só apenas reagir. Nesse sentido, e em uma perspectiva afro-brasileira, Silva e Gomes (2016) chamam a atenção para o que deve pautar a literatura infanto-juvenil dentro das relações étnico-raciais,

[...] por atitudes de valorização da cultura afro-brasileira, de estímulo à (re) construção de uma identidade afro-descendente, de resgate da autoestima, dos valores culturais, dos direitos, da memória e da identidade do negro, desfazendo injustiças seculares e ressemantizando o conceito de *negritude* a partir de um agenciamento afro-brasileiro, atitudes, por fim, norteadas pelos princípios genéricos de multiculturalismo e pluralidade étnica, [...]. (SILVA e GOMES, 2016, p. 49).

Para além, busca-se um enfrentamento da literatura canônica e de um lugar imposto ao personagem negro. Pensando nisso, Silva e Gomes (2016), corroborando com o proposto deste artigo, mencionam diferentes e diversas publicações que abarcam as temáticas afro-brasileira para o público infanto-juvenil, conforme quadro abaixo.

Quadro 3 – Publicações da Literatura Afro-brasileira infanto-juvenil

Temática	Produção/Autor
Questões relativas a traços fisionômicos e/ou fenotípicos do afro-descendente	<i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> (2000), de Ana Maria Machado; <i>O círculo</i> (1985), de Maria Lysia Corrêa de Araújo; ou <i>O herói de Damião (A descoberta da capoeira)</i> (2000), de Isa Lolito.
Discussões acerca da questão racial propriamente dita	<i>Irmão Negro</i> (1995), de Walcyr Carrasco; <i>Felicidade não tem cor</i> (1997) e <i>Pretinha, eu?</i> (2008), de Júlio Emílio Braz; ou <i>O amigo do rei</i> (1999), de Ruth Rocha.
Temas mais contundentes e polêmicos, como a negritude, do racismo e do preconceito	<i>A cor da ternura</i> (1989), de Geni Guimarães; em <i>O sol da liberdade</i> (1985), de Giselda Laporta Nicolelis; ou em <i>Os bons e os justos (A fábula do amor bastardo)</i> (1983), de Lourenço Cazarré

Fonte: Silva e Gomes (2016,p.49)

Além desses autores, Florentina Souza e Maria Nazaré Lima (2006) trazem no livro *Literatura Afro-Brasileira* o capítulo "Conhecendo outras histórias: Por uma representação para além do estereótipo", com vistas a apresentar publicações com possibilidades de vislumbrar o personagem negro na literatura infanto-juvenil, conforme quadro abaixo dividido por temática.

Quadro 4 – Publicações da Literatura Afro-brasileira infanto-juvenil

Temática	Produção/Autor
Proposta diferente e criativa para a ilustração da personagem negra	<i>Bruna e a galinha d'Angola</i> (2009), de Gercilga de Almeida; <i>Que mundo maravilhoso</i> (2000) , de Julius Lester; <i>A cor da vida</i> (1997), de Semíramis Paterno; <i>Tanto Tanto</i> (2011), de Trish Cooke; <i>Chica da Silva</i> (2001), de Lia Vieira; <i>Do outro lado tem segredos</i> (1980), de Ana M. Machado.
Propõem a desvendar o universo de algumas culturas africanas para a literatura infanto-juvenil brasileira	<i>A tatuagem</i> (1998), a coleção <i>Bichos da África</i> (1987 a 2008) , <i>Duula – A Mulher Canibal- um conto africano</i> (2000) e <i>Sundjata</i> (1995), de Rogério Barbosa,
No campo temático das mitologias de origem africana	<i>Histórias da Preta</i> (1998), de Heloísa Pires Lima; <i>Pai Adão era Nagô</i> (1989), de Inaldete Andrade; <i>Rainha Quiximbi</i> (2000), <i>O presente de Ossanha</i> (2000) e <i>Dudu Calunga</i> (1986), de Joel Rufino; <i>Na terra dos Orixás</i> (1988), de Ganymedes José S. de Oliveira, <i>Lenda dos orixás para crianças</i> (1996), de Maurício Pestana, <i>Ifá, o advinho</i> (2002) e <i>Xangô, o rei do Trovão</i> (2003),

	de Reginaldo Prandi e <i>Ilê Ifé</i> (2000) de Carlos Petrovich e Vanda Machado; <i>Omo-Oba Histórias de Princesas</i> (2009), de Kiusam de Oliveira.
Ilustração de personagens ora com tranças ou penteados africanos, ora valorizando o cabelo crespo e volumoso	<i>Bruna e a galinha d'Angola</i> (2009); <i>Que mundo maravilhoso</i> (2000); <i>Histórias da Preta</i> (1998), <i>A cor da vida</i> (1997); <i>Tanto Tanto</i> (2011); <i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> (2000); Luana, a menina que viu o Brasil neném (2000). <i>O mundo no black power de Tayó</i> (2013), Kiusam de Oliveira.

Fonte: Souza & Lima (2006,p.216-217)

A partir desses autores e publicações, podemos avistar concretamente uma nova perspectiva do personagem negro com a literatura afro-brasileira infanto-juvenil. Deste modo, a nova consciência já está em vigor, latente e pujante dentro do campo literário. Ainda assim, esses enfrentamentos podem ser, conforme Gloria Anzaldúa nos diz,

A resposta para o problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra. (ANZALDÚA,2005, p. 707)

Considerações Finais

A partir do panorama que estruturamos durante a elaboração deste artigo, com enfoque na literatura afro-brasileira infanto-juvenil, avistamos publicações que tanto abarcam a produção afro-descendente quanto a visualização dos personagens negros no centro da história. Nesse aspecto, concordamos com o que preconiza Cardoso,

a presença de personagens negras na literatura é fundamental para todos os leitores. Se, por um lado, para a criança negra, essa mudança pode contribuir para a autoestima e o seu reconhecimento no mundo, para a branca pode ser o espaço de reconhecimento da diversidade étnica. (CARDOSO, 2011, p. 131).

Além disso, ao mesclar a literatura afro-brasileira ao público infanto-juvenil percebemos a valorização da história dos Africanos e Afro-brasileiros, e a possibilidade de romper com o racismo e outras práticas discriminatórias. Mais do que isso, traz para o campo literário uma literatura afro-brasileira sólida e disposta a resistir ao imposto

pela literatura canônica, para “[...]ajudar a delicadamente incluir o negro e sua trajetória traumática no imaginário da formação da cultura brasileira” (OLIVEIRA, 2014, s/n).

Nesse sentido, as pesquisas de Rosemberg, Oliveira e Delcastagnè nos mostram quão urgente se faz tocar na ferida de que há um projeto de sociedade, que visa o apagamento e silenciamento do negro no que tange a literatura. Dentro desta perspectiva, este artigo endossa tantas outras pesquisas e produções que se debruçam a estudar e evidenciar essa temática.

De fato, as publicações aqui listadas, apontam apenas uma pequena parcela entre tantas obras, após a promulgação da Lei 10.639/03. Mesmo assim, convém reconhecer o estímulo desta legislação para as produções literárias. Para tanto, entendemos que no cenário antes e após a legislação a representação do negro na literatura teve uma considerável mudança, visto que já temos editoras que tem como foco a diversidade étnica e cultural do país, como a Pallas, Peirópolis, Mazza, Manati, Solisluna. (PEREIRA,2016), além de tantas outras que possuem uma ou duas publicações nessa perspectiva.

Para tanto, após 2004 ocorre um aumento nas publicações que abarcam a temática de discussão deste estudo, em que o " impulso editorial teve seu ápice nos anos de 2007 e 2011, com uma média de quase 50 livros por ano. De 2012 em diante, essa taxa começa a cair. Em 2014 e 2015, não apuramos mais de 18 livros por ano". (PEREIRA, 2016, p .441). Ao fim, concluímos que as possibilidades são diversas, e para isso precisamos romper, apagar e/ou agir para enfrentar a classe dominante/discurso hegemônico. O que não podemos fazer é apenas reagir, sem contestar e resistir as formas veladas e explícitas que a sociedade dita ao corpo negro, tanto na literatura quanto em outros campos onde podemos acessar, entrar e ocupar.

Referências

ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza /Rumo a uma nova consciência.In: Borderlands/La frontera: la nueva mestiza. *Revista Estudos Feministas*. Vol.13, N.3, p. 704-719, set-dez, 2005.

BALLESTRIN, L.. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Vol.2, N.11,p.89-117,mai-agos., 2013.

BERND, Zilé. O literário e o identitário na literatura afro-brasileira. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westfalen, Vol. 12, N. 18,p. 33-44, Ago,2010.

BRASIL. *Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CARDOSO, R. Importância da literatura infanto-juvenil no contexto escolar. *Revista Faciplac*. Vol.2, N.2,p.11-19, ago.-dez.2018.

CARDOSO, R. A criança que se lê, o mundo que se percebe, o sonho que se constrói: possibilidades da inclusão étnico-racial. In: Itaú Cultural (Org). *Deslocamentos críticos*. 1ed.São Paulo: Babel, 2011.

CUTI, L. S.. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. N. 26,p.13-71,jul.-dez.,2005.

_____. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, E. A.. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. N. 31, p.11-23, jan.-jun, 2008.11-23.

_____. Literatura Afro-Brasileira:Elementos para uma conceituação. *Acervo*. Vol. 22, N. 2, p. 77-90, jul.-dez., 2009.

_____.*Literafro – Portal de literatura Afro- brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/inicial.asp>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

FRANÇA, L. F. de. Desconstrução dos estereótipos negativo do negro em Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado, e em O menino marron, de Ziraldo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. V.31, p.111-127, 2008.

IANNI, O. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N.28, p. 91-99, 1988.

JOVINO, I. Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afro - orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MIGNOLO, W. D. Aiesthesis Decolonial: Artículo de Reflexion. Calle 14:*Revista de Investigación en el Campo del Arte*. Vol.4,N.4,p.10-25, 2010.

MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília, MEC/SECAD, 2005.

NEGRÃO, E. V. A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis. *Cadernos de Pesquisa*. N. 63, p.86-87, nov.,1987.

OLIVEIRA, L. H. S. de. Das Máscaras Africanas Ao Romance Brasileiro Do Século XX - trajetórias, usos e sentidos do negrismo. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano VII, n. XIII, Julho/2014. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/155-luiz-henrique-silva-de-oliveira-das-mascaras-africanas-ao-romance-brasileiro-do-seculo-xx>>. Acesso em:10 nov. 2019.

OLIVEIRA, M. A. de J.. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

OLIVEIRA, K. de. *O mar que banha a ilha de Goré*. 1. ed. São Paulo: Peirópolis, 2014.

PEREIRA, E. de A.. Panorama da literatura afro-brasileira. Callaloo, *John Hopkins University Press*. Vol. 18, N. 4, p. 1.035-1.036, nov., 1995.

PEREIRA, L. N. N.. Literatura Negra Infanto-Juvenil: Discursos afro-brasileiros em construção. *Interseções*. Vol. 18,N. 2, p. 431-457, dez., 2016.

ROSEMBERG, F. *Literatura infanto-juvenil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SEGABINAZI, D. M.; SOUZA, R. J.; MACEDO, J. A.. As Princesas Africanas na Literatura Juvenil: do branqueamento silenciador ao protagonismo questionável. *Caderno Seminal Digital*. Vol. 27,N.27, p. 203-244, jan.-jul.,2017.

SILVIANO, S.. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2ªedição, 2000.

SILVA, M.. A Cor da Palavra: literatura infanto-juvenil brasileira e relações étnico-raciais. *Cadernos de estudos culturais*. Vol. 2, p. 107-132, jul.- dez., 2017.

SILVA, M.; GOMES, S.. Literatura infanto-juvenil brasileira: o ensino básico em São Paulo e as relações étnico-raciais. *Leia Escola*, Vol. 16, N. 1, 2016.

SOUZA, F. ; LIMA, M. N.. *Literatura Afro-Brasileira*. Brasília: Fundação Palmares, 2006.